

10 à 18 de dezembro



Por: Rabino Uriel Romano

As Festividades das Luzes: **O significado e seus significantes**

Durante o inverno, diferentes culturas em todo o mundo celebram diferentes “festividades da luz”. Os hindus celebram o Diwali por cinco dias, simbolizando "a vitória da luz sobre as trevas, o bem sobre o mal e a sabedoria sobre a ignorância".

Os antigos romanos celebravam a Saturnália por sete dias, antecipando o solstício de inverno e, mais tarde, o Dies Natalis Solis Invicti "O Nascimento do Sol Invencível" em 23 de dezembro. Acerca desse festival, muitos autores afirmam que, nessa mesma data, foi decretada a celebração cristã do Natal, e desde o século 18, principalmente na Alemanha e na Inglaterra, popularizou-se o uso das "luzes de Natal" na decoração da árvore. As antigas culturas pagãs germânicas tinham um festival conhecido como Yule, quando, ao longo de doze dias, o Sol também era venerado por meio de fogueiras acesas ao ar livre no meio do inverno, à medida em que os dias iam ficando mais longos.



Durante o solstício de inverno na cultura persa, com base nos ensinamentos zoroastrianos, celebra-se "a noite de Yalda" – "a noite mais longa e escura do ano" – reunindo familiares e amigos para comer e ler poesia. Na Europa Oriental, em certas culturas eslavas, celebra-se a Kolyada – "a rainha do inverno" – que faz o Sol brilhar todos os dias; música e fogueiras são parte integrante dessas cerimônias. Mais perto de nós, em termos temporais e espaciais, na Colômbia é comemorado no dia 7 de dezembro "o dia das velas", quando as pessoas acendem luzes nas varandas das casas.



E nós, o povo judeu, celebramos Hanuká nesse mesmo período. Durante o inverno do hemisfério norte, especialmente entre os meses de novembro e dezembro, várias culturas (re)criaram diferentes festividades associadas ao fogo e à luz, celebrando a mudança gradual dos dias mais curtos do ano, para dar lugar a dias mais longos, a partir do solstício de inverno (21 de dezembro). Todas essas celebrações têm em comum o protagonismo da luz, do fogo ("símbolo" maior do Sol na terra), da celebração familiar em casa e da música. No entanto, cada cultura, com base em sua própria tradição e visão de mundo, foi atribuindo a cada uma de suas festividades seu próprio estilo. O significado (a vitória da luz sobre as trevas e o "renascimento do Sol") foi compartilhado por todos, o que mudou foi o significante (o nome e a forma de celebrá-lo).

E o que nós, judeus, fizemos? O que sempre fizemos ao longo da história: incorporar o significado e buscar um novo significante. Nos festivais bíblicos não encontramos qualquer celebração que corresponda às "festividades de inverno", como nas outras culturas. As "últimas festividades" do ano aconteciam no mês de Tishrei, com o festival da colheita (Sucot) e não havia mais celebrações até a primavera (Pessach). No entanto, a ocasião se deu com a vitória militar dos macabeus contra os selêucidas em 167 a.E.C.

Foi uma vitória militar "de poucos contra muitos", na qual nosso povo recuperou a independência política e religiosa da Judeia por quase 100 anos. Nos livros dos Macabeus I e II, contemporâneos desse heroico feito, o principal elemento a ser destacado foi a proeza militar e a recuperação da independência política. Pouco ou nada é mencionado em relação às luzes. No entanto, anexada a esta epopeia, começar-se-á a ser construída gradualmente uma associação de Hanuká não apenas como uma "conquista militar", mas também de conexão com o fogo e a luz. Macabeus I (4:58) menciona a "celebração da reinauguração do altar", realizada durante oito dias. Em Macabeus II (1:18), "a festa do fogo" é mencionada, mas sem grandes explicações. Já no final do século I E.C., Flavius Josephus se refere a Hanuká como "o festival das luzes" (Antiguidades Judaicas 12:325). Na época da Mishná (sec. II), parece que Hanuká marcou o "início do inverno", conectando-a um pouco mais com as festividades de inverno de outras culturas (ver M. Bikurim 1:6).



No entanto, a profunda conexão entre luz/fogo e Hanuká só chegará por volta do século III E.C., especialmente na Babilônia, que de acordo com alguns autores, se deve às influências zoroastrianas e sua veneração pelo fogo. Lá, o mito da botija de azeite puro encontrada pelos sacerdotes no Templo após a vitória dos Macabeus (b. Shabat 21b) começa a se desenvolver.



A partir daí, começam a desenvolver-se os costumes de acender luminárias a cada uma das oito noites da festividade (que, assim como as outras celebrações da luz, não duravam apenas um dia, mas vários), juntando-se então o costume da refeição festiva em família com o Hallel (salmos de louvor) e a incorporação posterior de canções, às quais cantamos até hoje (Hanerot Halalu – s. IX – e Maoz Tzur – s. XIII).

Foi assim que o significado universal da "vitória da luz sobre as trevas" encontrou um significado particular em nosso povo na celebração de Hanuká. E é assim que, nos últimos 2100 anos, o festival da vitória militar dos macabeus lentamente se tornou o festival da luz. Este é um belo exemplo de união humana e diversidade cultural. Da relação do homem com a natureza divina, mas com as particularidades de cada nação e religião caracterizando as suas celebrações.

Que possamos sempre, como judeus, celebrar desde a nossa particularidade, a experiência divina que é a vida!

RABINO URIEL ROMANO
COMUNIDADE JUDAICA NORTE, ARGENTINA